



MULHERES EM RODA! CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE, AUTONOMIA E APRENDIZAGENS NUMA RELAÇÃO MÚTUA: PROJETO RODA DE MULHERES NO POVOADO MORROS DE HIGINO EM JUSSARA BAHIA

Daniela Lopes Oliveira Dourado¹; Marilza Pereira da Silva²

¹ Especialista e Pedagoga. Mestranda do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos- MPEJA UNEB Campus I Salvador BA. E-mail: dannylopes11@gmail.com ; ²

Graduanda em pedagogia 7º Período na UNEB Campus XVI Irecê BA. E-mail:

indiacatingueira@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO 7: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA PERSPECTIVA DO MUNDO DO TRABALHO

RESUMO

O semiárido baiano é uma região rica em diversidade e com muito potencial para o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável, que garanta a convivência com este ambiente de modo contextualizado, porém, essa região historicamente sempre sofreu por falta de investimento que garantisse para sua população qualidade de vida e promoção de políticas públicas eficazes para o enfrentamento à seca e boas condições de serviços públicos de atenção ao seu povo. O desenvolvimento das políticas públicas nos séculos XIX e XX acentuou a imigração dos povos nordestinos para os grandes centros urbanos, principalmente do semiárido que tentavam fugir da seca e da fome, pois devido à escassez de alimentos e a falta de investimentos para a convivência dos homens e mulheres no semiárido a fuga era a única opção. Hoje, mesmo com os investimentos nas regiões agrícolas, incentivos de créditos e políticas para que a população que sobrevive em sua maioria da agricultura familiar conviva com a realidade árida do clima nessa região, ainda não são suficientes para garantir à população condições de vida com qualidade, garantindo que estes/as possam continuar residindo no campo, lugar este de muita riqueza a ser explorada e que sofre pela pouca presença de ações responsáveis para o seu desenvolvimento. Diante deste quadro temos as mulheres, meninas, jovens, adultas e idosas, que lutam para garantir a sobrevivência de si e de sua família, que muitas vezes permanecem na roça ou em pequenas comunidades, trabalhando e criando os filhos a espera do marido que foi tentar a sorte na cidade ou em outras regiões, trabalhando como diaristas para agronegócio. Estas mulheres se unem em defesa própria, amigas, comadres, filhas, mães, avós, vizinhas, netas, que encontram no apoio recíproco o fortalecimento para sobreviver. Indubitavelmente que a educação se torna investimento obrigatório, visto que sem a mesma fica impossível à participação popular como empreendedoras que pensam, articulam e constroem, assumindo a responsabilidade sobre o seu lugar e dialogando com a gestão pública sobre os seus interesses, desta forma, assumindo um posicionamento proativo e extinguindo as relações de dependências a partir dos assistencialismos e esmolos. Apesar de existir escolas, elas deixam a desejar no processo de formação de suas crianças, jovens e adultos, não consideram o contexto sociocultural-político do homem e da mulher do campo e também não conseguem promover educação



a contento para o crescimento intelectual de seus moradores, negando a roça, a vez e a voz dos sujeitos nela inseridos na maioria das vezes. O presente trabalho a partir de uma proposta educativa não formal impulsionou- nos entender como a mulher sertaneja consegue superar obstáculo e em comunidade estruturar ações para o bem comum promovendo conhecimento fora da escola, a partir de seus contextos e saberes que cada uma traz consigo, e na relação de troca a partir das dificuldades enfrentadas no dia a dia, conseguem sobreviver construindo conhecimentos, resolvendo problemas, educando seus filhos e produzindo alimentos. Sabendo que, na maioria das vezes, esses processos passam despercebidos pela sociedade e pelas academias universitárias. Neste sentido, buscou-se uma investigação orientada pela pesquisa social, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, estruturada pela etnografia e pela observação participante durante o período de 2013 a 2015, para compreender a promoção de ações socioculturais no contexto da educação não formal de adultos para o desenvolvimento da comunidade de Morros de Higino, localizada no município de Jussara no semiárido baiano, acompanhando o Projeto Roda de Mulheres da Associação Comunitária Mãe Bazu. A comunidade indignada com o abandono pelos governos, principalmente local, se sentindo órfã de representação resolveu se unir, e entendeu que a associação seria uma organização de fortalecimento político e o modelo este coletivo seria o melhor caminho para garantir que os seus direitos fossem ouvidos e também consolidar a relação entre os moradores e moradoras do povoado. A linha de pensamento que orienta a Associação é da relação sustentável, onde o regaste da relação social entre as pessoas da comunidade possa promover o conhecimento para a relação cidadãos e meio ambiente. Mesmo com a formação da Associação com homens e mulheres, nos encaminhamentos das ações e diversas atividades, as mulheres assumiam as concretizações dos planos praticamente sozinhas, lideravam movimentos, desenvolviam atividades com a comunidade e os homens detinham cargos de responsabilidades e decisões, mas não realizavam os enfrentamentos na comunidade, desta forma as mulheres decidiram eleger suas representantes para cargos no grupo gestor e inclusive na diretoria e desta forma tendo integração direta em todos os processos, mantendo a participação masculina, mas sem se submeter a uma colaboração subserviente e sem autonomia. Apesar das relações historicamente construídas entre homens e mulheres, estas assumiram as rédeas da associação de modo que mesmo não saindo das condições impostas socialmente, se fortalecem na luta contra o machismo buscando a autonomia através da organização social, se apoiando mutuamente. A roda de mulheres tem funcionado como momento de terapia coletiva e de sonoridade entre as mulheres, que antes entendiam que deveriam ser comandadas pelos maridos e por outros homens que julgavam capazes de resolver os problemas enfrentados pela associação, agora estão no comando e aos poucos homens que participam das ações por elas organizadas, só fazem interferências sobre suas orientações. Outra questão relevante que percebemos nas reuniões da roda é que muitas mulheres se sentem inseguras de assumir determinadas responsabilidades por não terem conhecimentos escolares de leitura e escrita, bem como de resolver contas e cuidar de documentações. Deste modo em 2013/2014 foi iniciado um projeto arquitetura e paisagismo comunitário que trazia como principal proposta à construção coletiva de uma praça comunitária, desde a elaboração da proposta até a construção da praça, sendo que algumas etapas se antecipam a construção a exemplo, do viveiro de mudas e do grupo de eco- alfabetização que antes chamávamos de viveiro educador e à medida que a proposta evoluiu o viveiro passou a ser tema gerador de ações maiores. Assim em 2015, iniciamos o grupo de eco alfabetização que ocorre no formato de aula duas vezes na semana, e em



um encontro em média de oficinas temáticas e nelas gerando temas que são retomados em sala de aula, sendo os principais: a roça, o quintal, a caatinga e tudo mais que produzimos nessas vivências. O desafio é preparar as mulheres para assumirem papéis qualificados até então atribuídos aos homens, para isso o processo da educação é fundamental, garantindo também a geração de renda visto que como descreve (Di Giovanni, 2006, p.62) “Vemos que além de ter uma dimensão ideológica e cultural a desigualdade entre homens e mulheres também é parte da organização da economia”. Por isso mesmo é importante vencer os obstáculos da ignorância e falta de informação buscando a melhoria da qualidade de vida e criticidade na luta pelos direitos.

Palavras Chave: Roda de Mulheres. Educação. Educação não formal. Educação de Adultos.

REFERENCIAS

AGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (coleção Pesquisa qualitativa)

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. ; PRÍNCEPE, Lisandra Marisa. **Necessidades formativas de educadores que atuam em projetos de educação não-formal**. <http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT08/GT08-109%20int.pdf/> Acesso 16 de janeiro de 2013.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros passos ; 20)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 26.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GHEDIN, EVANDRO. ; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de Método** – na construção da pesquisa em educação. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção docência em formação/ Série Saberes Pedagógicos)

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2008. (Coleção Questões da nossa época, v-71).

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa em Educação, v.9)

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006. (Série Pesquisa- v.15)

Di Giovanni, Julia. (org.) **Agricultura na sociedade de mercado: as mulheres dizem não à tirania do livre comércio**. IN: Revista Sempre Viva organização feminista – Publicação da SOF (Ed.) São Paulo, 2006.



ALFAEJA
**II Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos**

SOUZA, Osvalton Nunes de. **História de Jussara:** a antiga Chapada do Jacaré. Monografia de trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/ Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Pólo de Irecê, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais** - a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013.